

COMO LER NO LABIRINTO: UMA HISTÓRIA DAS EDIÇÕES DOS CADERNOS DO CÁRCERE

HOW TO READ IN THE MAZE: A HISTORY OF THE EDITIONS OF THE PRISON NOTEBOOKS

MARCUS VINÍCIUS FURTADO DA SILVA OLIVEIRA

Pós-doutorando em História pela UNESP/Franca. É também mestre e doutor em História e Cultura Política pela mesma instituição, além de graduado em História pela UFTM. Professor da ESEBA/UFU.

RESUMO

Os Cadernos do Cárcere, escritos por Antonio Gramsci entre 1929 e 1935, foram publicados pela primeira vez na Itália, sob a curadoria de Palmiro Togliatti e Felice Platone, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950. Ao longo das últimas décadas, outras duas propostas editoriais reordenaram os escritos gramscianos. Em 1975, a edição crítica, coordenada por Valentino Gerratana, procurando superar os problemas da edição temática, publicou os textos a partir de pesquisas de que estabeleceram uma cronologia dos Cadernos. Nos anos 1980, outras pesquisas revelaram equívocos na datação fixada por Gerratana. Com isso, baseada nessa nova cronologia, está em curso na Itália a publicação da edição nacional. Partindo de um diálogo com a história da leitura, o presente trabalho pretende investigar historicamente a produção dessas três edições, demonstrando como a intervenção dos editores contribuiu para diferentes visões acerca do pensamento gramsciano.

Palavras-chave: Gramsci; Cadernos do Cárcere; História da leitura

ABSTRACT

The Prison Notebooks, written by Antonio Gramsci between 1929 and 1935, firstly published in Italy, under the coordination of Palmiro Togliatti and Felice Platone, between the end of 1940's and the early 1950's. During the past decades, other two editorial proposals has reordered gramscian writings. In 1975, the critical edition, coordinated by Valentino Gerratana, aiming to overcome the problems of the thematic edition, published the texts parting from researches that established a Notebooks chronology. In the 1980's, another researches revealed mistakes in Gerratana's dating. Therefore, based in a new chronology, is now in course in Italy the national edition publishing. Parting from a dialogue with the history of reading, the present work intends to investigate the historical production of these three editions, showing how the editors interventions had contributed to create different versions of the gramscian thought.

Keywords: Gramsci; Prison Notebooks; History of reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 TOGLIATTI E A EDIÇÃO TEMÁTICA DOS MANUSCRITOS; 2 A EDIÇÃO CRÍTICA E A CONSTRUÇÃO DOS CADERNOS DO CÁRCERE; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

A leitura dos *Cadernos do Cárcere* perpassa, necessariamente, pelos problemas editoriais inerentes a editoração e publicação das reflexões carcerárias de Gramsci ao longo da segunda

metade do século XX. Como afirmou Gianni Francioni (2016), a leitura dos cadernos é composta de páginas falsamente límpidas, de modo que uma leitura atenta das linhas carcerárias revela um labirinto no qual é possível perder-se. Essa leitura labiríntica é endossada pela forma que Gramsci trabalhava em seus cadernos. Forçado pelas condições do cárcere fascista, Gramsci não pode desenvolver uma reflexão sistemática, ampliando as possibilidades de leituras e apropriações de seu texto.

Além do labirinto inerente aos diversos parágrafos dispostos em mais de trinta cadernos escolares, as diferentes edições dos *Cadernos do Cárcere* influenciaram determinadamente as formas de leitura da obra, uma vez que tais trabalhos editoriais apontaram para uma espécie de bússola de leitura de Gramsci oferecida aos leitores a partir da interferência de seus vários editores. Nesse sentido, esse trabalho pretende contribuir para uma história da leitura dos *Cadernos do Cárcere*, tendo como eixo central as relações entre o texto e suas edições¹ ao longo do tempo.

Para tanto, é preciso delinear uma discussão que se encaminhe na definição do que é essa história da leitura e de quais são seus pressupostos metodológicos. Uma das principais discussões em torno da leitura e do livro enquanto objeto histórico parte do historiador norte americano Robert Darnton (2010). A questão para Darnton é compreender o livro enquanto uma força social capaz de influenciar os comportamentos sociais no mundo contemporâneo. Por isso, para compreender essa força social era preciso forjar um tipo de análise que conseguisse captar esse objeto em sua inteira complexidade.

Nesse sentido, a análise de Darnton procura ampliar o escopo do olhar do historiador para o livro. Em vez de se deter exclusivamente na bibliografia ou nas relações entre o autor e sua obra, a proposta de Darnton caminha no sentido de perceber um modelo amplo de produção e consumo do livro. Em consequência disso, o autor propõe um esquema metodológico que fixa a criação de um circuito de comunicações, capaz de abarcar todas as fases da produção de uma determinada obra, desde a sua criação pelo pensamento do autor até suas várias apropriações pelos diversos leitores ao longo do tempo:

Assim o circuito percorre um ciclo completo. Ele transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o

¹ Um dos caminhos fundamentais à história da leitura é a análise da história das recepções dos textos ao longo do tempo. Todavia, a recepção de Gramsci é extremamente ampla e transcenderia os limites de espaço desse trabalho. Assim, por uma questão meramente espacial iremos delimitar nosso objeto as edições italianas dos *Cadernos*.

texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante (DARNTON, 2010, p. 126)

Portanto, com esse esquema é possível perceber que o livro, enquanto objeto físico e histórico, não é um produto exclusivo da mente de seu autor. Para que se torne efetivamente objeto, a ideia do autor passa pela intervenção de diversos outros sujeitos históricos, como editores, gráficos, impressores, entre tantos outros, até atingir o leitor, que, por sua vez, fixa um processo de apropriação e ressignificação da obra.

Contudo, o objetivo específico desse trabalho não consegue abarcar integralmente esse ciclo estabelecido por Darnton. Uma vez que nossa perspectiva se orienta na contribuição de uma incipiente história da leitura dos *Cadernos do Cárcere*, a discussão aqui colocada se dirige a uma parte específica dessa metodologia, focada nas relações entre autor, editores e edições.

1 TOGLIATTI E A EDIÇÃO TEMÁTICA DOS MANUSCRITOS

Diante disso, a questão passa a ser acompanhar o processo de construção dos *Cadernos do Cárcere* enquanto obra e a constituição de Gramsci enquanto autor, no intuito de perceber em que medida a construção dessas duas figuras, obra e autor, obedecem a determinadas intervenções históricas, sobretudo por parte de seus editores que, a seu modo, procuram oferecer uma determinada leitura dos *Cadernos* a partir das escolhas das configurações editoriais do livro.

Por isso, para Chartier (2014), no século XVIII houve uma espécie de fetichismo em torno da figura do autor e sua originalidade de pensamento e escrita. Todavia, essa originalidade do autor pode somente ser mantida a partir da compreensão do texto enquanto entidade metafísica, fora de seu suporte material. Nesse sentido, alcançar essa originalidade absoluta do pensamento do autor é impossível, uma vez que o processo de materialização da ideia no suporte implica na intervenção de outros sujeitos históricos que não o seu autor.

Tais preocupações expressas pelo autor são obtidas no tratamento enquanto fontes históricas das diversas publicações de Shakespeare e Cervantes. Observando essas várias publicações, Chartier percebe que a obra possui uma temporalidade própria, que deve ser

reconstituída a partir de suas diversas formas de publicação ao longo do tempo. Nos termos do autor:

Uma segunda lição diz respeito à temporalidade das obras. Há diversas maneiras de reconstruir um texto: seguindo a gênese do texto em si nos seus sucessivos estados, enfocando a história de suas recepções e interpretações, ou analisando as mudanças nas modalidades de sua publicação. Essas abordagens baseiam-se em diferentes disciplinas (crítica genética, sociologia da recepção, bibliografia), mas todas elas pressupõem uma comparação entre estados do texto (ou suas apropriações) separados por intervalos de tempo de variada duração (CHARTIER, 2014, p. 309)

Portanto, postas tais discussões, acompanhar a construção dos *Cadernos do Cárcere* enquanto obra significa acompanhar essas múltiplas temporalidades que se estabelecem no percurso do pensamento de Gramsci à sua materialização em livro, bem como as várias ressignificações do texto ocorridas em torno das edições da obra ao longo do tempo.

O tempo da escrita dos manuscritos que comporão posteriormente os *Cadernos do Cárcere* se encontra circunscrito a alguns anos dentro do período carcerário de Gramsci. Preso em 1926, o pensador sardo consegue obter permissão para a escrita somente alguns anos depois em razão das alterações na legislação que regulava os direitos dos presos sob o regime fascista. (FRANCIONI, 2009). Por isso, a escrita se inicia somente em 1929 e termina na metade de 1935 em virtude de uma piora das condições de saúde de Gramsci, que falece em 1937.

As reflexões carcerárias estão dispostas em trinta e três cadernos de tipo escolar e são divididas em cadernos de tradução, onde Gramsci exercitava seus estudos sobre idiomas, tendo traduzidas obras do alemão, do russo e do inglês; cadernos miscelâneos, nos quais anotava reflexões acerca de temáticas diversas; e os cadernos especiais, onde desenvolvia reescritas de notas anteriores e textos de mais longo fôlego. Isso significa que a disposição do pensamento de Gramsci nos manuscritos se dá de modo fragmentado, sobretudo em virtude das condições no cárcere, o que, em si, lhes confere um caráter aberto, o que implica na possibilidade da ampliação dos modos de apropriação e leitura dos textos.

Além disso, é preciso ter em conta o tipo de intervenção que Gramsci pretende com as notas carcerárias. Impedido de exercer a prática política em virtude do cárcere, Gramsci passa a compreender o processo de escrita enquanto uma forma de pensar e intervir na política. Nesse sentido, trata-se de um autor que anteriormente ao cárcere jamais havia se preocupado com a

produção de uma reflexão de grande monta, tendo se dedicado majoritariamente aos textos jornalísticos.

Portanto, em linhas gerais, os manuscritos são fruto antes de tudo de uma preocupação essencialmente política por parte de Gramsci. Em decorrência disso, as possibilidades e escolhas editoriais dos manuscritos carcerários também são implicadas por esse caráter essencialmente político. Assim, logo da morte de Gramsci surge a discussão em torno de quem seriam os detentores desses manuscritos e quais seriam seus destinos.

Como demonstra Giuseppe Vacca (2013), houve uma disputa em torno dos manuscritos entre a família de Gramsci, notadamente sua esposa e suas cunhadas, e Palmiro Togliatti, representante dos interesses do partido comunista e do movimento comunista internacional. Apesar das tentativas de reter os textos na Itália, os manuscritos foram enviados a Moscou sob os cuidados de Togliatti, que se encarregaria de sua leitura e publicação após o término da guerra e a queda do fascismo.

Ainda de acordo com Vacca, Gramsci ainda no cárcere nutria certas preocupações em relação ao destino de suas notas carcerárias. A posição do intelectual sardo era de que os manuscritos não deveriam terminar nas mãos do partido, tampouco de Togliatti. Isso se explica em razão das suspeitas de Gramsci no cárcere de tentativas de sabotagem de sua libertação por alguns membros do partido². Diante disso, na opinião de Gramsci, o detentor dos cadernos deveria ser o economista italiano radicado na Inglaterra, e também seu interlocutor epistolar durante o período carcerário, Piero Sraffa.

Além de desrespeitar a vontade de seu autor, a posse dos manuscritos por parte de Togliatti abre uma série de problemas para sua leitura. Isso ocorre em virtude do que a figura de Togliatti representava para o comunismo italiano e internacional naquele momento. Como coloca Marco Mondaini (2011), a trajetória do secretário geral do PCI é bastante ambígua em razão de sua posição no cenário político, oscilando entre homem de confiança de Stálin e a criação da via italiana ao socialismo. Nesse sentido, Togliatti, politicamente, é um homem a meio caminho entre a tradição e a renovação da cultura política comunista.

² Em sua biografia de Gramsci, Vacca analisa diversos documentos em torno dessa questão da sabotagem da libertação de Gramsci. Essa suspeita se coloca a partir de uma carta enviada por Ruggiero Grieco a Gramsci, que afirmava que alguns companheiros não estariam interessados em sua soltura. Todavia, a documentação não confirma suspeita de uma sabotagem, mas aponta para a escassez de negociações em torno da libertação de Gramsci, sobretudo por parte da URSS.

Tal ambiguidade está presente no dimensionamento que Togliatti dera a figura de Gramsci ao longo de sua trajetória, conferindo, assim, um determinado enquadramento do dirigente sardo. Em um texto de 1937, escrito logo após a morte de Gramsci, publicado no jornal *Stato Operaio*, Togliatti (1975) estabelece uma espécie de obituário, lançando ao público a imagem de um Gramsci heroico, o primeiro revolucionário italiano, completamente afinado com as perspectivas do marxismo-leninismo e do bolchevismo:

Na história do movimento operário italiano, na história da cultura e do pensamento italiano, Antonio Gramsci é o primeiro marxista – o primeiro marxista verdadeiro, integral, consequente. É, na realidade, o primeiro a compreender profundamente os ensinamentos revolucionários dos fundadores do socialismo científico; o primeiro a compreender e apropriar-se das novas posições conquistadas pelo marxismo no desenvolvimento posterior a Lênine e a Estaline. (TOGLIATTI, 1975, p. 34)

Esse enquadramento da figura de Gramsci enquanto revolucionário nacional continuador da obra dos pais fundadores do marxismo é anterior a própria leitura e publicação dos manuscritos por parte de Togliatti. Nesse primeiro momento, a intenção de Togliatti é lançar uma imagem de Gramsci enquanto dirigente comunista, mártir do fascismo e líder da classe operária italiana. Deste modo, as menções aos cadernos ocorrem somente a partir dos anos 1940.

De acordo com Giuseppe Vacca (2005) houve várias ressalvas de Togliatti no que concerne a publicação dos cadernos. Para o secretário geral do PCI, era preciso que os manuscritos passassem por uma fase de depuração e análise para que pudessem por fim vir a público. Para Vacca, isso se deva em razão de que o conteúdo dos cadernos deveriam atuar como reforço para a política do PCI na Itália daquele momento, apagando, assim, os conflitos entre Gramsci e os partidos comunista italiano e soviético.

Esse enquadramento aparece nitidamente nas escolhas editoriais para a primeira edição dos cadernos. A escolha de Togliatti, com a ajuda de Felice Platone, foi pensar a publicação dos manuscritos a partir de vários volumes ordenados a partir de algumas temáticas centrais. Assim, entre 1948 e 1951 foram publicados pela editora Einaudi os volumes, *Materialismo Storico* (1948), *Gli intelletuali e l'organizzazione della cultura*, *Il Risorgimento* e *Note sul Machiavelli sulla politica e sullo Stato Moderno* (1949), *Letteratura e vita nazionale* (1950) e, por fim, *Passato e presente* (1951):

La pubblicazione dei *Quaderni*, dunque, poneva problemi delicati e complessi non solo perché se trattava di dare un ordine a un vero e proprio zibaldone per rendere il pensiero di Gramsci più accessibile al lettore, ma anche perché, senza ‘un’accurata elaborazione’, essi ne avrebbero enfatizzato l’eterodossia e alcuni passi – come del resto alcune lettere, che non vennero pubblicate nella prima edizione – avrebbero fatto emergere i conflitti ch’egli aveva avuto con il suo partito ³ (VACCA, 2005, p. 25)

Portanto, logo na primeira edição dos manuscritos de Gramsci é possível perceber as questões suscitadas anteriormente por Darnton e Chartier. Pensando no ciclo das comunicações, há uma diferença entre o pensamento gramsciano materializado nos manuscritos e aquele plasmado nos vários volumes editados por Togliatti. A diferença entre ambos os suportes ocorre exatamente pelas mãos do editor, cuja atuação se direciona em um sentido político determinado, exercendo, em determinados momentos, quase uma função de censura em relação ao pensamento de Gramsci. Isso significa afirmar que a função de Gramsci como autor se encontra nessa primeira edição, de certo modo, condicionada pela função de seu primeiro editor, que confere uma determinada homogeneidade de leitura e sistematicidade a um pensamento produzido de modo fragmentado.

Diante disso, é possível pensar Togliatti como um intelectual mediador, no sentido oferecido por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016). A discussão das autoras caminha no sentido da ruptura com a dicotomia, própria a determinada compreensão acerca dos intelectuais como, por exemplo, a de Norberto Bobbio (1999), entre os intelectuais criadores e os intelectuais mediadores. Nesta dicotomia, o intelectual mediador aparece como uma espécie de reprodutor ou divulgador dos conteúdos elaborados pelos intelectuais criadores. Assim, ao romper com essa dicotomia, Gomes e Hansen, procuram apontar para a autonomia própria aos intelectuais mediadores, de modo que “aquilo que o intelectual ‘mediou’ torna-se, efetivamente, ‘outro produto’: um bem cultural singular.” (GOMES, HANSEN, 2016, p.18) Nesses termos, a ação editorial de Togliatti, ao tornar os manuscritos carcerários em obra, efetua um processo de mediação intelectual. Nesse processo, o pensamento de Gramsci, ao ser apropriado pela figura de seu primeiro editor, torna-se um outro produtor em razão da ação intelectual de Togliatti.

2 A EDIÇÃO CRÍTICA E A CONSTRUÇÃO DOS CADERNOS DO CÁRCERE

³ “A publicação dos *Cadernos* colocava, então, problemas complexos e delicados não somente porque se tratava de dar ordem a confusão do pensamento de Gramsci e torna-lo acessível ao leitor, mas antes porque “sem um apurada elaboração” se teria revelado sua heterodoxia e em alguns momentos - como de resto em algumas cartas que não foram publicadas na primeira edição – teria feito emergir os conflitos que ele teve com seu partido.” (Tradução livre)

Conforme observamos anteriormente, as primeiras publicações de Gramsci guardam consigo a marca da conjuntura histórica e política seu tempo. Deste modo, na medida em que tais condições se transformam surge a necessidade de repensar os suportes pelos quais seu pensamento se materializa. De acordo com Carlos Nelson Coutinho (2004), no final dos anos 1950 há a realização de amplo congresso gramsciano em Roma que aventa a necessidade de uma nova editoração das reflexões carcerárias, que ficara a cargo de Valentino Gerratana, intelectual ligado ao Instituto Gramsci e membro ativo na reconstrução do PCI após o fascismo.

Tais discussões em torno de uma nova edição das obras de Gramsci ocorrem em um momento importante para a história do comunismo mundial. Em 1956, no XX Congresso do PCUS, Nikita Krushev revela um relatório denunciando os crimes perpetrados por Stálin, bem como o culto a sua personalidade. Nesse sentido, o final dos anos 1950 se coloca para as esquerdas no mundo todo como um momento de crise e de amplas revisões⁴.

Mesmo Togliatti, que como vimos havia colocado Gramsci como um continuador de Stálin, opera um processo de revisão do stalinismo, dedicando-se a tentativa de pensar um caminho mais democrático para o socialismo a partir da via italiana. Todavia, novamente com Marco Mondaini, esse processo de transição do stalinismo para a democracia não se completa durante o secretariado geral de Togliatti, mas somente sob a liderança de Enrico Berlinguer, responsável pela revalorização da democracia no interior da cultura política ao longo dos anos 1970.

Entretanto, isso não significa afirmar que a edição crítica, como ficou conhecida a edição feita sob a curadoria de Gerratana, rejeitasse completamente ou propusesse uma ruptura com o legado de Togliatti no interior da cultura política comunista italiana. Todavia, é preciso pensar as transformações no texto gramsciano operadas por Gerratana. Nesse sentido, uma das primeiras revisões elaboradas para a confecção dessa nova edição diz respeito à compreensão de Gramsci enquanto sujeito histórico. Enquanto Togliatti se preocupava desde o início em lançar uma imagem

⁴ A reconstrução das apropriações de Gramsci efetuada por Guido Liguori é capaz de aprofundar densamente essa problemática. Para consultar ver: LIGUORI, Guido. **La prima ricezione di Gramsci in Italia (1944 – 1953)**. In: Studi Storici, número 3, ano 32, 1991, p. 663-700.

LIGUORI, Guido. **Le letture di Gramsci nel dibattito della sinistra dopo il 1956**. In: Studi Storici, número 2/3, ano 33, 1992, p. 513-554.

de Gramsci enquanto líder da classe operária italiana, Gerratana (2014) propõe a historicização desse mesmo Gramsci no interior do cárcere.

Em razão disso, a disposição das notas carcerárias estabelecida por Gerratana não obedece a um princípio temático, mas a um princípio cronológico de ordenamento que coloca, pela primeira vez, os cadernos em sua integralidade. Nesse sentido, é a partir das mãos de Gerratana que os manuscritos de Gramsci emergem enquanto a obra *Cadernos do Cárcere*, editadas ao longo de quatro volumes pela mesma editora Einaudi, sendo o quarto volume dedicado apenas aos aparatos críticos da edição.

Essa disposição integral dos cadernos ocorre a partir de novas pesquisas, obtidas a partir do cruzamento de diversas fontes, sobretudo as *Cartas do Cárcere*, que permitiram estabelecer uma datação interna dos escritos gramscianos. Nessa datação, Gerratana aponta também para a forma de trabalho estabelecida por Gramsci na prisão, de modo a perceber que há várias fases dessa escrita carcerária. Nesse sentido, essa disposição textual das notas propõe a ideia de que há um determinado ritmo do pensamento gramsciano que se desenvolve ao longo da prisão, sendo, portanto, impossível oferecer uma leitura dogmática e fechada deste pensamento. Nos termos de Gerratana:

A questa esigenza intende rispondere a presente edizione dei *Quaderni del carcere*. Ma anche se tale orientamento dovesse incontrare delle riserve, rimane a giustificare i criteri scelti la necessità di offrire uno strumento di lettura che permetta di seguire il ritmo di sviluppo con lui la ricerca gramsciana si snoda nelle pagine dei *Quaderni*. Questa edizione cioè presume di non essere gravata da ipoteche interpretative, pur essendo nata nel quadro di una linea interpretazione del pensiero di Gramsci. A confermare tale aspirazione possono servire anche i chiarimenti tecnici che seguono.⁵ (GERRATANA, 2014, p. XXXV)

Nesse sentido, a edição elaborada por Gerratana confere maior autonomia a figura de Gramsci enquanto autor, uma vez que ao afastar-se do culto de personalidade e da fixação de hereditariedade do pensamento gramsciano essa edição é capaz de conferir maior historicidade ao

⁵ A esta exigência pretende responder a presente edição dos Cadernos do Cárcere. Mas, ainda que em tais orientações se encontrem reservas, resta justificar os critérios escolhidos a partir da necessidade de oferecer um instrumento de leitura que permita seguir o ritmo de desenvolvimento com o qual a pesquisa gramsciana é ventilada nas páginas dos *Cadernos*. Esta edição evita estar sobrecarregada de hipóteses interpretativas, ainda que tenha nascido sob uma linha interpretativa do pensamento de Gramsci. Para confirmar tal aspiração, posso elucidar os aspectos técnicos que seguem. (Tradução livre)

texto. Essa historicidade se dá a partir da percepção do caráter fragmentado e aberto dessa obra, bem como de suas múltiplas temporalidades.

Em relação a leitura e reconstituição do texto gramsciano, tais percepções apontam para uma maior complexidade do tempo da obra. Enquanto na edição de Togliatti a temporalidade das reflexões gramscianas parece estar ausente, dando lugar a um texto lapidado, na disposição de Gerratana, o texto aparece como um objeto mutável no tempo. Nesse sentido, não somente as possibilidades de publicação se tornam temporalmente abertas, mas o próprio texto si se abre como objeto dotado de uma temporalidade interna.

Contudo, apesar dos inegáveis méritos, a edição crítica sofre algumas críticas a partir dos anos 1980, sobretudo em relação a datação interna dos cadernos. A crítica parte de Gianni Francioni (1984) que, a partir do cruzamento de diversas fontes e da recuperação do cotidiano de trabalho de Gramsci no cárcere traça uma nova datação interna de escrita dos vários cadernos. Isso ocorre, sobretudo, quando Francioni (2009) coteja a memória de companheiros de cela de Gramsci com os regulamentos sobre prisões próprias ao fascismo.

Nesse entrecruzamento, Francioni consegue demonstrar que era impossível a Gramsci um processo de escrita que respeitasse uma cronologia. Essa impossibilidade se dava em virtude das próprias condições do cárcere. Gramsci não poderia possuir consigo na cela mais do que alguns volumes de livros e cadernos, o que o obrigava a estabelecer um rodízio de escrita. Assim, é possível afirmar que há, na verdade, a simultaneidade de várias notas contidas em diversos cadernos. Para Francioni, isso implica que a discussão sobre a compreensão do texto gramsciano, e sua posterior edição e publicação, não perpassa somente pelo problema cronológico, mas também por uma questão filológica capaz de captar essas várias simultaneidades que compõem a estrutura dos cadernos:

Gramsci lavorava infatti a più quaderni contemporaneamente, o riprende quelli di periodo precedenti per aggiungervi nuove note negli spazi bianchi residui. In certi casi, sembra che cominci a scrivere dalla metà di un quaderno, per poi passare alla prima metà. A volte fa, in una delle pagine iniziali, un rinvio ad un testo che si trova a quaderno inoltrato. Per svariate ragione (su cui torneremo), vi sono fasce di sovrapposizione dela sua scrittura che attraversano orizzontalmente i quardeni, e di conseguenza momenti dela redazione in cui non si há passaggio da un quaderno ad un altro ma da una nota ad un'altra nell'alternarsi di differenti quaderni. (...) Di qui la necessità di ricostruire preliminarmente la vera struttura e la storia – interna ed esterna – dei manoscritti, e di fornire al lettore una bussola che gli consenta di orientarsi.

Solo così si potrà cogliere il “movimento in avanti” che sostanzia i quaderni, l’emergere progressivo dei problemi e dei concetti, l’intreccio dei fili della ricerca.⁶ (FRANCIONI, 2009, p. 22-23)

Nesse sentido, apesar de rever a cronologia interna dada por Gerratana, Francioni não rompe com todos os pressupostos da edição anterior, antes os aprofunda. Como vimos, Gerratana havia colocado a necessidade de perceber o ritmo de desenvolvimento do pensamento de Gramsci. Em Francioni, esse ritmo é percebido a partir de uma imagem espiral em virtude desses vários movimentos de escrita simultânea forçados pela condição carcerária. Com isso, a questão para a edição dos *Cadernos* passa a ser a de criar uma reconstituição histórica dos manuscritos capaz de captar essas sobreposições temporais presentes na escrita.

Essas reflexões abertas por Francioni abrem a criação de um método filológico e diacrônico de análise dos manuscritos gramscianos. Esse tipo de metodologia é bastante relevante atualmente nos estudos gramscianos na Itália, sendo levadas adiante por estudiosos mais jovens, como por exemplo Giuseppe Cospito, encarregado em conjunto com Francioni da curadoria dos *Cadernos do Cárcere* para a edição nacional.

Cospito (2011) aprofunda essa perspectiva enunciada por Francioni, colhendo dentro dos próprios *Cadernos* uma perspectiva para o estudo do pensamento de Gramsci. Em uma nota sobre o estudo de Marx, colocada sob o título de *Quistioni di método*, Gramsci aborda que para se estudar um pensamento que não fora construído de forma sistemática pelo seu autor é preciso observar o desenvolvimento de seu trabalho intelectual no intuito de perceber que coerência e a concepção que lhe estão implícitos. Nesse sentido, Cospito seleciona os principais conceitos desenvolvidos ao longo das diversas fases da escrita carcerária com o objetivo de pensar como essas temáticas se desenvolvem diacronicamente ao longo dos cadernos:

Il presente lavoro si inserisce in questa prospettiva, negli ultimi anni finalmente dominante negli studi gramsciani, e intende metterne a frutto nell’analisi gli esiti più innovativi. Per tanto, nella prima parte del nostro lavoro ci siamo sforzati di

⁶ Gramsci trabalhava de fato contemporaneamente em vários cadernos, retoma aquele de período precedente para inserir novas notas no espaço em branco que havia restado. Em certos casos parece começar a escrever da metade de um caderno, para depois passar a primeira metade. Às vezes, em um das páginas iniciais, faz referência a um texto que se encontrava no caderno anterior. Por variadas razões (as quais retornaremos) há camadas de sobreposição temporal da escrita que atravessam horizontalmente os cadernos, e em consequência, momentos da reação nos quais não somente há passagem de um caderno ao outro, mas de uma nota a outra na alternância de diferentes cadernos. (...) Daí a necessidade de se reconstruir preliminarmente a real estrutura e história – interna e externa – dos manuscritos e de fornecer ao leitor uma bússola que os oriente. Somente assim poderá se atingir o “movimento para frente” que dá substância aos cadernos, bem como a emergência progressiva dos problemas e dos conceitos, a trama dos fios da pesquisa.

cogliere il “ritmo del pensiero in sviluppo” relativamente a tre questioni fondamentali, al centro delle riflessioni filofiche, politiche ed economiche gramsciane.⁷(COSPITO, 2011, p. 13)

Com isso, aquela temporalidade horizontal anunciada por Francioni ganha um contorno mais aprofundado nas reflexões de Cospito, cuja preocupação central é fixar uma leitura diacrônica dos principais conceitos gramscianos desenvolvidos ao longo da escrita carcerária, dando conta disso que o autor nomeia como o ritmo do pensamento de Gramsci.

Esse tipo de análise e metodologia, como o próprio Cospito reconhece, tem sido fundamental para os caminhos dos estudos gramscianos⁸ nas últimas décadas, bem como a base para o projeto da edição nacional dos escritos gramscianos. O projeto dessa edição visa a republicação integral dos textos de Gramsci, abarcando desde seus escritos juvenis até seus últimos dias no cárcere. A publicação dos volumes se iniciou em 2007 com a publicação dos escritos juvenis. Os volumes relativos aos cadernos, que estão sob a curadoria de Francioni e Cospito, devem sair nos próximos anos.

O projeto dessa edição, assim como os anteriores liderados por Togliatti e Gerratanta, também é fruto de uma determinada conjuntura histórica que diz respeito aos rumos da cultura política comunista dentro da Itália. Enquanto a edição crítica esteve marcada pela renovação da esquerda pós stalinismo e pelo advento do eurocomunismo, o projeto da edição nacional começa a ser gestado no momento da crise do comunismo mundial, da queda do muro de Berlim e, por fim, das próprias transformações que levaram a liquidação do PCI e sua paulatina transformação em Partido Democrático (PD). Esse intenso momento de transformações permite que as pesquisas em torno da figura de Gramsci se adensem, seja pelas mudanças de caráter ideológico, mas também pela enorme variedade de novas fontes que passaram a estar disponíveis aos pesquisadores em

⁷ “O presente trabalho se insere nessa perspectiva, nos últimos anos dominante dos estudos gramscianos, e pretende colocar na análise os êxitos mais inovadores. Portanto, na primeira parte de nosso trabalho nos esforçamos para captar o ‘ritmo do pensamento em desenvolvimento’ relativo a três questões fundamentais ao centro da reflexão filosófica, política e econômica.”

⁸ Ainda que Cospito afirme a hegemonia do método filológico dentro dos estudos gramscianos, é preciso fazer menção a outras possibilidades metodológicas e outras apropriações acerca do pensamento de Gramsci que escapam ao espaço desse trabalho. Dentro da historiografia italiana, o nome de Giuseppe Vacca se destaca. Vacca não desconsidera as análises filológicas, porém as considera insuficientes para a compreensão do pensamento Gramsci. Nesse sentido, Vacca propõe como método a historicização integral de Gramsci. Giorgio Baratta, por outra via, também se utiliza das possibilidades da filologia gramsciana, todavia seu diálogo para a compreensão do legado gramsciano caminham na direção dos estudos culturais, pensando os contrapontos de Gramsci com intelectuais como Edward Said e Stuart Hall. Para uma discussão pormenorizada consultar: VACCA, Giuseppe. **Vida e pensamento de Antonio Gramsci**. RJ: Contraponto, 2013. BARATTA, Giorgio. **Gramsci em contraponto**. SP: Unesp, 2011

virtude da abertura dos arquivos ligados a URSS, bem como da descoberta de novas cartas e outros documentos sob os quais os vários pesquisadores do Instituto Gramsci ainda se debruçam.

Diante disso, o lugar de Gramsci, que durante todo esse período esteve profundamente marcado pelas mãos de seus editores, assume um outro estatuto no interior do projeto de uma edição nacional. Deste modo, tais metodologias de análise, ao aprofundar essa perspectiva diacrônica interna dos textos gramscianos, parece descola-los de uma historicidade exterior ao próprio texto ou ao próprio autor, que pode conduzir a uma espécie de monumentalização ou fechamento do pensamento de Gramsci em torno de si mesmo.⁹

Apesar de procurarem oferecer critérios técnicos e seguros para a leitura no labirinto dos *Cadernos*, a escolhas editoriais de Gerratana, Francioni e Cospito não escapam a discussão acerca da mediação intelectual que empreendemos em relação a Togliatti. Inelutavelmente, as formas de leitura dos *Cadernos* propostas por tais autores e configuram enquanto mediações intelectuais, sendo responsáveis, cada qual a seu modo, por elaborar determinadas imagens e recriações do labirinto gramsciano.

CONCLUSÃO

A consideração das várias propostas editoriais dos manuscritos carcerários propõe uma relação intrínseca entre a mão do autor e a mente do editor, para nos utilizarmos dos termos de Chartier. Essa relação íntima contribui decisivamente para a demonstração da importância da materialidade dos suportes por meios dos quais os textos são editados e publicados, bem como da recuperação do papel dos editores na formatação do pensamento dos autores editados. Essa discussão reforça a complexidade da obra enquanto objeto histórico complexo, sujeito a diversas intervenções e possuidor de uma temporalidade interna. Todavia, apesar de interna, essa temporalidade inerente a obra não basta por si mesma. Esta somente faz sentido na medida em que se conecta com outras dimensões históricas. Como relembra Roger Chartier (2002), a busca por

⁹ Recentemente, o historiador inglês Perry Anderson, em um texto na revista *New Left Review*, se referiu a falta de criatividade dos intelectuais italianos em relação ao pensamento de Gramsci, de modo que os herdeiros do pensador sardo estariam fora da Itália. A crítica de Anderson, ainda que possa demonstrar a pujança das interpretações livres de Gramsci fora da Itália, bem como os riscos de uma análise exclusivamente filológica, peca pelo exagero e por ignorar os méritos inegáveis que tais metodologias construíram ao longo de diversos anos de pesquisas. Essa discussão se encontra em: ANDERSON, Perry. **The heirs of Gramsci**. *New Left Review*, n. 100, 2016.

essa temporalidade interna e descontínua não significa o abandono da perspectiva social ou a entrada em um domínio relativista e desconexo.

As discussões em torno dos três momentos das edições dos manuscritos de Gramsci o demonstram. No primeiro, marcado pela figura de Togliatti, a disposição dos manuscritos a partir de temas procura oferecer uma compreensão não fragmentada e completa, orientada tanto pelas ambiguidades de Togliatti quanto pela conjuntura política do momento, o que levou a uma leitura de Gramsci como continuador dos pais fundadores do marxismo. Posteriormente, o segundo momento de construção de Gramsci se dá com a edição crítica de Valentino Gerratá, que propõe organizar integralmente os cadernos a partir de uma perspectiva cronológica com vistas a uma revisão do dogmatismo e do culto de personalidade próprios a edição anterior; atitude profundamente marcada pelo clima de desestabilização da política comunista. Por fim, influenciada pela crise do comunismo mundial, a edição nacional dos cadernos, coordenada por Gianni Francioni e Giuseppe Cospito, pretende fixar uma leitura diacrônica das estruturas históricas dos manuscritos gramscianos.

Portanto, recuperar essa história editorial dos *Cadernos do Cárcere* demonstra que a compreensão do pensamento de Gramsci é indissociável de seus problemas editoriais, uma vez que a leitura no labirinto se encontra largamente influenciada pelos modos pelos quais os editores procuraram organizá-lo. Assim, o labirinto de textos mencionado por Francioni é muito mais sinuoso do que se possa supor. Além de um labirinto de textos, há também um labirinto editorial, fora do qual é impossível encontrar os fios de novelo que destrincham o pensamento de Gramsci enquanto objeto histórico.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **The heirs of Gramsci**. *New Left Review*, n. 100, 2016.
- BARATTA, Giorgio. **Gramsci em contraponto**. SP: Unesp, 2011.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. SP: Unesp, 1999
- CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Algés: Difel, 2ª edição, 2002.

- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014
- CHARTIER, Roger. **O que é um autor?:** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Editora UFSCAR, 2012.
- COSPITO, Giuseppe. **Il ritmo del pensiero:** Per una lettura diacronica dei “Quaderni del carcere” di Gramsci. Napoli: Bibliopolis, 2011.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Prefácio. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere:** Volume 1. RJ: Civilização Brasileira, 3ª edição, 2004.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** Mídia, cultura e revolução. SP: Companhia de bolso, 2010.
- FRANCIONI, Gianni. L’Officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei “Quaderni del carcere”. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- FRANCIONI, Gianni. Come lavorava Gramsci. In: GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del cárcere:** Edizione anastatica dei manoscritti. Cagliari: Biblioteca L’unione Sarda, 2009.
- FRANCIONI, Gianni. **Un labirinto di carta (Introduzione alla filologia gramsciana)**. In: International Gramsci Journal, 2(1), 2016
- GERRATANA, Valentino. Prefazione. In: GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del cárcere:** Volume primo. Torino: Einaudi, 2014.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: **Intelectuais mediadores:** práticas culturais e ação política. RJ: Civilização Brasileira, 2016.
- LIGUORI, Guido. **La prima ricezione di Gramsci in Italia (1944 – 1953)**. In: Studi Storici, número 3, ano 32, 1991, p. 663-700.
- LIGUORI, Guido. **Le letture di Gramsci nel dibattito della sinistra dopo il 1956**. In: Studi Storici, número 2/3, ano 33, 1992, p. 513-554.
- MONDAINI, Marco. **Do Stalinismo à Democracia:** Palmiro Togliatti e a construção da via italiana ao socialismo. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Astrojildo Pereira/Contraponto, 2011.
- TOGLIATTI, Palmiro. **Antonio Gramsci**. Lisboa: Seara Nova, 1975
- VACCA, Giuseppe. Introduzione. In: DANIELE, Chiara (org.) **Togliatti editore di Gramsci**. Roma: Carocci, 2005.
- VACCA, Giuseppe. **Vida e pensamento de Antonio Gramsci (1926-1937)**. RJ: Contraponto, 2013.



COMO LER NO LABIRINTO: UMA HISTÓRIA DAS EDIÇÕES
DOS CADERNOS DO CÁRCERE

MARCUS VINÍCIUS FURTADO DA SILVA OLIVEIRA

Recebido em: 07/02/2021 / Aprovado em: 16/04/2021